

# **O PAPEL PIONEIRO DE PIRACICABA NA CONSTRUÇÃO FABRIL NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO.**

**Marcelo Cachioni**

Doutorando FAU USP

[mcachioni@gmail.com](mailto:mcachioni@gmail.com)

**Diretor do Departamento de Patrimônio Histórico do IPPLAP Piracicaba-SP  
Professor de Patrimônio Histórico na ASSER Rio Claro-SP e Técnicas Retrospectivas na  
FIEL Limeira-SP.**

## **Resumo:**

Piracicaba se destaca pelo pioneirismo no processo de industrialização paulista com a instalação de metalúrgica, tecelagem e agroindústria no final do século XIX configurando uma paisagem industrial próxima aos seus mananciais: o córrego Itapeva ou o rio Piracicaba, onde se formaram fileiras fabris nas duas margens. A força motriz e o manancial do Rio Piracicaba foram fatores determinantes para o desenvolvimento industrial da cidade.

O Engenho Central foi um dos maiores do Brasil até a década de 1950 e a Fábrica de Tecidos Santa Francisca foi o ponto de partida para a instalação do abastecimento de energia elétrica da cidade e a primeira a ostentar linha telefônica.

Os sistemas de água encanada, energia elétrica e canalização de esgotos se instalaram em Piracicaba ainda no século XIX quando profissionais de destaque nacional introduziram tecnologias avançadas na cidade legando um interessante patrimônio cultural, que precisa ser preservado e utilizado.

## **Apresentação do tema:**

Piracicaba foi pioneira no processo de industrialização e na navegação fluvial em São Paulo, mas aguardou por certo tempo a Ferrovia. À medida que a produção agrícola crescia, sua população se desenvolvia especialmente quando da intensificação das correntes imigratórias. Os alemães e suíços foram os primeiros a se estabelecerem,

sendo que os suíços montaram a primeira casa industrial de Piracicaba, também do gênero em São Paulo. Conseqüentemente, outras empresas surgiram e principiaram a configurar um aspecto industrial à cidade. Geralmente próximas aos mananciais: o poluído córrego Itapeva ou o rio Piracicaba, onde se formavam fileiras industriais na Rua do Porto.

A instalação da primeira metalúrgica, a Krähenbühl, e da Companhia de Navegação Fluvial Paulista, colocaram Piracicaba como pioneira no processo de desenvolvimento industrial da Província de São Paulo, e estes fatos são praticamente ignorados pela historiografia paulista<sup>1</sup>.

A Companhia de Navegação Fluvial Paulista estava autorizada a se organizar por meio do Decreto nº 5.920, de 24/5/1872. Sob a orientação do senador Francisco Antonio de Souza Queiroz, de João Luiz Germano Bruhns e Joaquim Soares Franco a companhia tinha o objetivo de explorar a navegação comercial a vapor dos rios Piracicaba e Tietê, no trecho do Piracicaba ao Porto da Colônia de Avanhandava (Monteiro, 1997).

Outro marco do pioneirismo industrial de Piracicaba foi a invenção da máquina de descaroçar café, do ventilador para café em coco e da máquina de beneficiar arroz, pelo alemão Evaristo Conrado Engelberg. Suas máquinas eram vendidas em São Paulo pela 'Engelberg, Siciliano & Cia', no bairro dos Campos Elíseos. O inventor inclusive foi nomeado membro correspondente da Academia Parisiense de Inventores, com a distinção de uma medalha de ouro em 1890 (Elias Neto, 2000). A firma de Engelberg ficava situada onde foi posteriormente construído o Mercado Municipal em 1887 e não foram encontrados registros iconográficos.

Os maiores estabelecimentos industriais pioneiros de Piracicaba se instalaram às margens do Rio Piracicaba, no Centro da cidade - a Fábrica de Tecidos Santa Francisca, fundada por Luiz de Queiroz e o Engenho Central. A atuação de Queiroz no desenvolvimento industrial de Piracicaba foi fundamental no final do século XIX. Sua Fábrica de Tecidos acabou sendo o ponto de partida para a instalação do abastecimento de energia elétrica da cidade e a primeira a ostentar linha telefônica.

O Engenho Central foi um dos maiores do Brasil até a década de 1950, quando a concorrência do açúcar dos outros países latino-americanos privilegiados pelos EUA no mercado internacional, a dificuldade de manutenção e de mão-de-obra especializada fizeram a produção decair.

---

<sup>1</sup> Em seu livro "São Paulo e Outras Cidades", Reis Filho (1994) não cita estes empreendimentos, entre outros inclusive, posteriores nas cidades de Sorocaba, Itu, São Paulo e Campinas.

A instalação dos sistemas de água encanada, energia elétrica e canalização de esgotos ocorreu em Piracicaba ainda no século XIX. Profissionais de destaque nacional introduziram tecnologias avançadas na cidade e proporcionaram também uma situação de pioneirismo para Piracicaba em relação às outras cidades brasileiras. Carlos Zanotta, construtor italiano, com larga experiência em construção, aliado ao empresário João Frick, apadrinhado do Visconde de Mauá; Luiz de Queiroz, o republicano filho de Barão, com dois cursos universitários concluídos na Europa; e Saturnino de Brito, um dos mais representativos engenheiros de seu período foram os responsáveis pelas melhorias sanitárias mais importantes até então vistas pelo povo piracicabano. Apesar disso, o mesmo povo assistia a tudo com olhos críticos, reclamando da água suja e das lâmpadas desligadas.

#### **Objetivos:**

Destacar o papel pioneiro de Piracicaba na industrialização do Estado de São Paulo;  
Analisar a arquitetura fabril remanescente edificada pelas indústrias pioneiras piracicabanas;  
Destacar a presença de profissionais de destaque na construção e instalação dos complexos fabris em Piracicaba;  
Verificar a contribuição das indústrias pioneiras para a formação da paisagem cultural ribeirinha no centro de Piracicaba;  
Refletir sobre a preservação e reutilização do patrimônio fabril quando as indústrias são desativadas.

#### **Referencial teórico:**

A primeira indústria a se instalar em Piracicaba foi a Oficina Krähenbühl em 9 de maio de 1870. A Krähenbühl (Figura 01) foi também a primeira metalúrgica da Província de São Paulo e fabricava troles, tálburis, charretes, carroças, carroções, jardineiras e carros fúnebres. Ficava instalada na antiga Rua do Comércio (Governador Pedro de Toledo) e dava fundos para o córrego Itapeva, na grande porção de terras que seu fundador, o suíço Pedro Krähenbühl adquiriu, com as economias que trouxera da Suíça. Como a oficina rendia pouco de início e exigia para sua ampliação, maiores recursos, o proprietário estabeleceu ao seu lado uma casa de ferragens, com ótimas vendas. Auxiliado pelos filhos mais velhos pôde ampliar a pequena oficina, que dotada de máquinas e ferramentas importadas, iniciou uma espécie de guerra ao carro de boi com a fabricação, pela primeira vez na região, de carroças equipadas de eixos fixos

independentes. Quando faleceu, Pedro Krähenbühl já era considerado um pioneiro da industrialização do Estado e sua oficina havia se transformado em uma fábrica. Os próprios eixos de aço que inicialmente eram importados de Hamburgo passaram a serem fundidos, temperados e torneados em Piracicaba. Para isso foi instalado um verdadeiro complexo industrial constituído de uma grande serraria, de estufa para maturação da madeira, de extensa secção mecânica com dezenas de tornos mecânicos, ferraria, fundição de ferro e bronze, carpintaria, marcenaria, pintura, etc. Sendo praticamente a única indústria da região, atendia aos pedidos de Piracicaba e municípios vizinhos quanto ao fornecimento de madeira para os mais variados usos, torneamento de rolos de moendas de cana, fabricação de tornos e fogões e também chaminés para residências. Ainda em 1970, a Krähenbühl após cem anos de fundação permanecia em funcionamento no mesmo local. Atualmente se encontra em outro endereço, na margem oposta do Itapeva, atualmente canalizado na Av. Armando de Salles Oliveira.

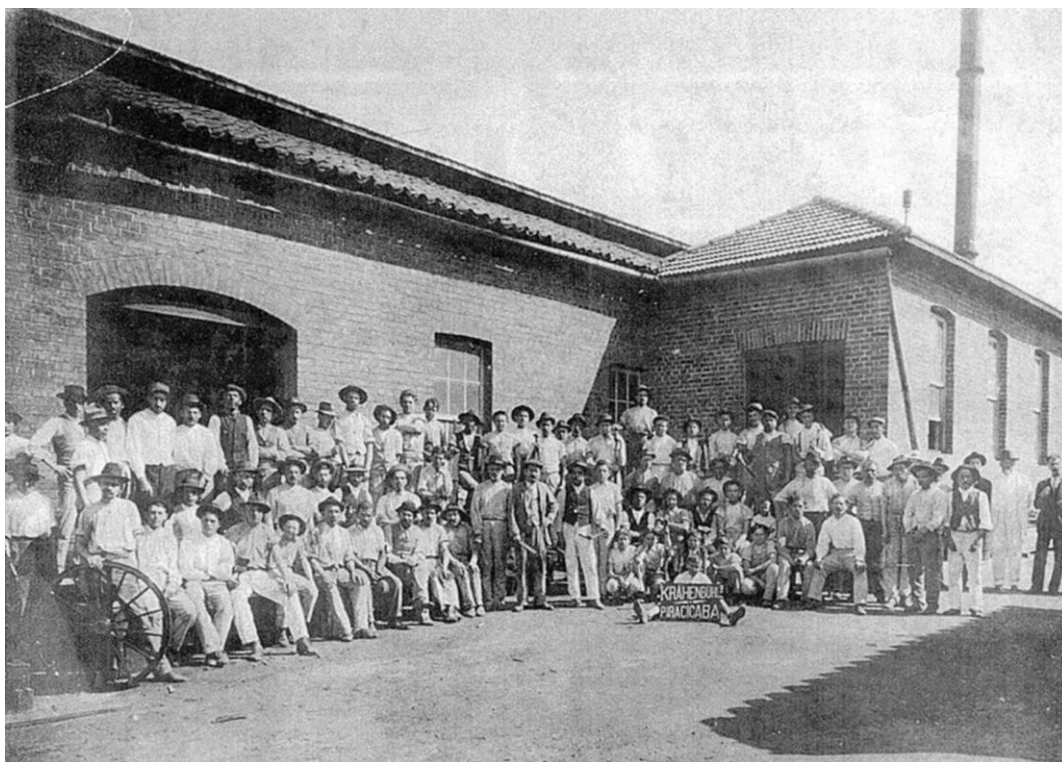


Figura 01: A Krähenbühl, com seus funcionários no início do século XX. Arquivo Museu Prudente de Moraes.

Quanto aos edifícios da Krähenbühl, a escassa iconografia não nos permite muitas conclusões a respeito das suas tipologias, a não ser a alvenaria aparente e as janelas de guilhotina em arcos de consola, no entanto suas características são comuns em outras edificações industriais do período em Piracicaba.

Segundo Burchard & Bush-Brown (1969), os progressos obtidos na Arquitetura Industrial desse período eram mais tecnológicos que estéticos. As indústrias americanas, como exemplo, eram obrigadas a obedecer a uma série de leis promulgadas entre 1860 e 1870, que diziam respeito à saúde e segurança. No entanto, não eram ainda identificados bons projetos de uma unidade de produção com prestígio, e também havia poucas pressões sociais, econômicas e políticas para que os operários recebessem algumas comodidades (Burchard & Bush-Brown, 1969).

A Arquitetura Industrial consistia apenas nos edifícios necessários à armazenagem da matéria prima, manufatura e distribuição dos produtos. Ao engenheiro de fábrica competia erguer edifícios de baixo custo, estáveis, resistentes ao fogo e que suportassem movimento de máquinas pesadas e vibrantes. Os prédios deviam ser protegidos de incêndios ou explosões de caldeiras, de arranjo compacto que possibilitasse o transporte dos materiais em longos carretos por meio de polias e correias. A construção deveria ser muito duradoura, com sólidas paredes de tijolos que suportassem pesadas vigas de madeira (Burchard & Bush-Brown, 1969).

Para Burchard & Bush-Brown (1969), nem o cliente, nem o arquiteto consideravam a arquitetura da fábrica um tema digno de um profissional destacado. Os industriais não tinham o costume de considerar suas sedes de produção como esteticamente significativas, e os arquitetos, quando contratados, não tinham como principal preocupação projetual, a estética. A alvenaria aparente era empregada com tanta frequência, também pela falta de necessidade de acabamentos refinados que exigissem apliques decorativos, ou quaisquer elementos ornamentais. Com o passar do tempo, a Arquitetura Industrial se desenvolveu e também, em vários casos, mereceu tratamento estético diferenciado (Burchard & Bush-Brown, 1969).

Assim, verificamos que em Piracicaba a mais marcante característica da construção fabril é o emprego da alvenaria aparente e demais sistemas de instalação industrial consonantes com o período em todas as instalações industriais pioneiras da cidade, atributo que viria a destacar as construções fabris na paisagem cultural da cidade.

A Fábrica de Tecidos Santa Francisca (Figura 02) foi a segunda grande casa industrial de Piracicaba, fundada em 1873 por Luiz de Queiroz e movida pela força hidráulica do Rio Piracicaba. O local onde foi instalada pertencia a Manuel Rodrigues Jordão e era conhecido como Fazenda Engenho d'Água. Adquirida pelo Barão de Limeira, após sua morte foi passada por herança ao seu filho, Luiz de Queiroz (Guerrini, 1970).

A primeira iniciativa para a instalação da tecelagem foi o pedido de concessão para montar uma usina de força<sup>2</sup> no Rio Piracicaba. Na falta de máquinas, o empresário importou o maquinário da Inglaterra. Luiz de Queiroz trouxe para a cidade, técnicos especializados da Bélgica, pois não os encontrou no Brasil. Na ausência de serrarias, as esquadrias das janelas da construção foram feitas à mão. Como não havia cultura de algodão disponível, passou a plantar e comprar de outros pequenos produtores, os quais ele incentivou a produzir (Kiehl, 1976).

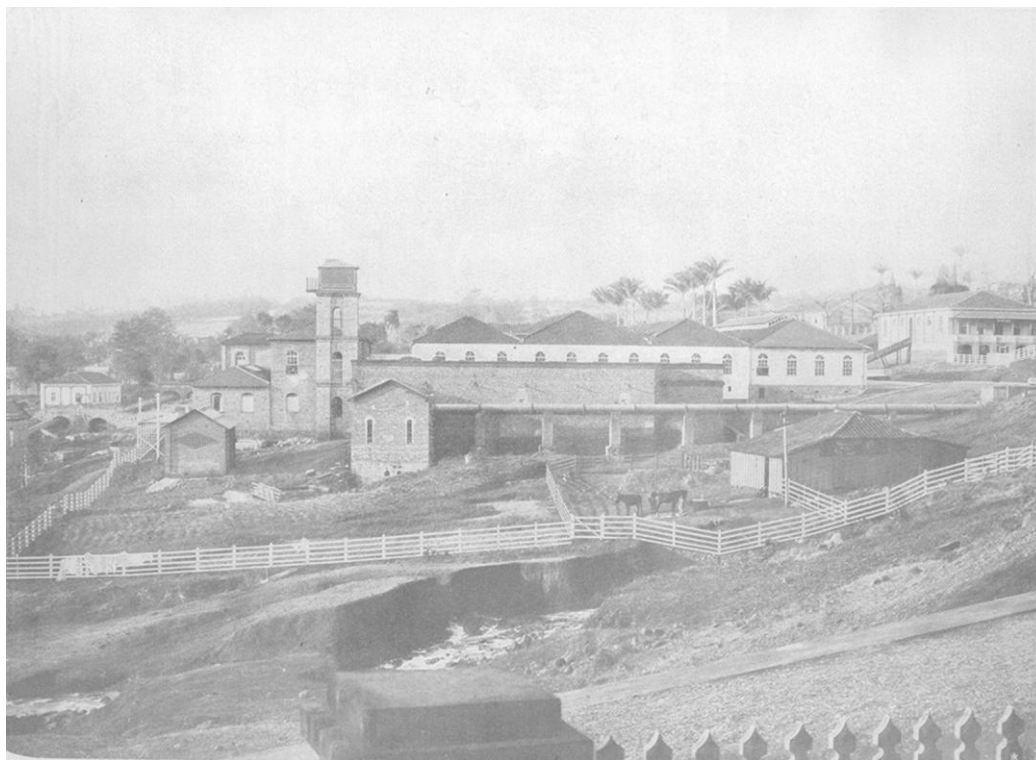


Figura 02: Fábrica de Tecidos vista da Rua 13 de Maio em 1906. (Rotellini, 1906).

Em 1º de julho de 1874 começaram as obras com o lançamento da pedra fundamental. O engenheiro responsável foi o inglês Arthur Drysdem Sterry (Guerrini, 1970; 1985). Em 1876 eram inaugurados os trabalhos de fiação com cinquenta teares de serviço para setenta operários, produzindo 2.400 metros de tecido por dia, o que

---

<sup>1</sup> Arthur Drysdem Sterry era inglês e engenheiro mecânico. Após a implantação da Tecelagem comandou o setor de máquinas. Trabalhou na Cia. Ituana de Estradas de Ferro e também em Salto entre 1877 e 1878, e depois em Itu a partir de 1879, quando montou sua própria fábrica de tecidos de algodão, a qual funcionou por somente um ano. Em 1897 construiu o edifício anexo da Fábrica de Tecidos São Luiz em Itu, na qual utilizou as mesmas características da Santa Francisca, com janelas em arco pleno e porão para adaptar o prédio ao desnível do terreno. Faleceu em São Paulo em 13 de abril de 1937 (Guerrini, 1985; Gazzola, 2004).

<sup>2</sup> Nesse ano, 1873, Constituição passava a contar com sistema de iluminação pública a querosene, com postes nas principais esquinas do centro. A usina de Luiz de Queiroz foi posteriormente pioneira no abastecimento de energia elétrica em Piracicaba.

rendeu fortuna a Luiz de Queiroz. Com aguçada visão empresarial Queiroz instalou uma linha telefônica entre a tecelagem e sua Fazenda Santa Genebra e adquiriu barcos para o transporte fluvial da produção da fábrica. A partir de 1877 por meio dos trilhos da Cia. Ituana Piracicaba passou a se comunicar com Capivari, Indaiatuba, Jundiaí, São Paulo e Santos. No entanto, era a navegação fluvial nos rios Piracicaba e Tietê que a ligava a São Pedro, Dois Córregos e Jaú, na margem direita e Botucatu e Lençóis, à esquerda (Kiehl, 1976).

O conjunto fabril originalmente executado em alvenaria aparente se compunha em vários edifícios com funções distintas. O grande pavilhão da tecelagem dividido em quatro blocos e em desnível, adaptado por porão, recebeu telhados independentes por bloco (com telhas francesas), ainda que fossem contíguos. Neste edifício, as aberturas foram executadas em arcos plenos e janelas em guilhotina, com quatro peças por bloco. Os outros prédios reuniam funções distintas de serviços e um casarão coberto com telhas coloniais, que parece ter sido a casa sede da Fazenda Engenho d'Água, abrigava os escritórios. Entre o pavilhão da tecelagem e o casarão de escritórios havia um caprichoso jardim francês, ao lado de um canal. Logo na entrada principal do pavilhão, cujo destaque era um frontão com a epígrafe da empresa, existia uma ponte sobre o referido canal. Havia também um estábulo e pasto para cavalos. O abastecimento hidráulico da fábrica se dava por uma caixa d'água, correspondente a três pavimentos se destacava no conjunto, abastecida por dutos.

Após a decisão de fundar a Escola Agrícola na fazenda São João da Montanha, Luiz de Queiroz resolveu vender a Fábrica e sua residência, concentrando seus esforços em torno da montagem desta. Em 7 de outubro de 1897 a Santa Francisca foi vendida para o Banco (da República) do Brasil. Em 1902 os bens foram comprados por Rodolpho Miranda e a tecelagem passou a se denominar Fábrica de Tecidos Arethusina. Em 1912, a Fábrica foi vendida para a Sociedade Anônima Manufatora Piracicabana e em 18 de março de 1918 passou a pertencer à Boyes e Cia, sociedade composta pelos irmãos Herbert James Singleton Boyes e Alfred Simeon Boyes (Guerrini, 1970).

As fontes iconográficas datam do período da Fábrica de Tecidos Arethusina entre 1906 e 1911. O conjunto passou por sucessivas vendas e várias reformas a que as edificações foram submetidas, tornando difícil a percepção das características originais de suas tipologias e também a identificação das remanescentes do conjunto original, sendo que algumas foram reformadas e outras demolidas. Posteriormente o conjunto fabril foi reformado assumindo linhas Art déco. Atualmente encontra-se





acionistas que faziam parte de tradicionais famílias piracicabanas. A Empresa foi fundada com o prazo de funcionamento previsto para vinte anos e os maquinários foram encomendados na Firma Brissonn, na França. Em 3 de maio investiu parte de suas terras, a Fazenda São Pedro, para a instalação do engenho. Quatro dias depois em 7 de maio de 1881, D. Pedro II assinou o Decreto Imperial nº 8.089, concedendo ao Engenho Central de Piracicaba autorização para funcionar. Antes de terminar o ano, chegou da França no dia 18 de novembro, a primeira remessa de maquinaria tendo início a sua montagem sob a direção de Antonio Patureaux e Fernando Desmoulin. Em outubro de 1882 as máquinas do Engenho Central foram acionadas pondo em funcionamento o complexo agroindustrial de enormes proporções. Quanto ao edifício e maquinário, era composto de oito cilindros com entradas automáticas das canas e saída do bagaço pelas fornalhas com três geradores da força de cem cavalos, servidos por uma chaminé de tijolos, com trinta e cinco metros de altura e três tanques de cobre para saturar a garapa (Carradore, 1990).

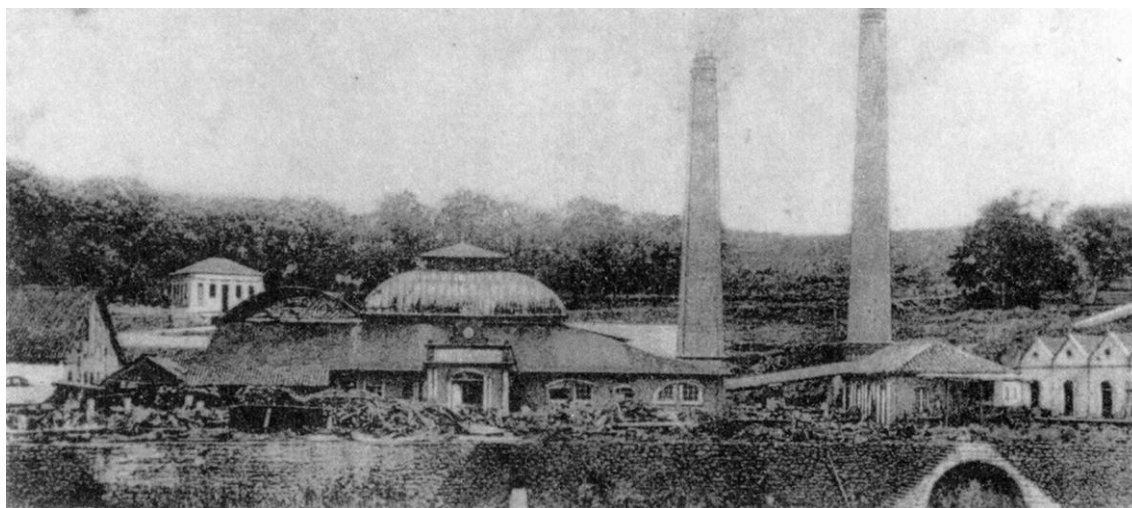


Figura 04: Engenho Central de Piracicaba, no início do século XX. Arquivo DPH IPPLAP.

Em função das más condições do mercado e pela insuficiência de matéria-prima, o Engenho Central estagnou. Em 1888 o Barão de Rezende passou a ser seu proprietário exclusivo. Dois anos depois, em 1891 a Empresa do Engenho Central passou a se denominar Cia. Niágara Paulista, sendo sócio do Barão de Rezende, Cícero Bastos com injeção de capital. Sem alcançar maior sucesso, o Barão de Rezende decidiu vender o engenho em 1899 para três franceses: Sr. Durocher, Fernand Doré e Maurice Allain com a nova denominação 'Sucrierie de Piracicaba'. No ano de 1907 foi fundada a sociedade anônima 'Société de Sucrierie Brésilliennes' com

a presidência de Maurice Allain, o qual a presidiu até 1932, sendo sucedido por Pierre Allain.

Com os franceses, passou a ser a maior empresa do estado em produção e a mais importante do país, quando da incorporação à 'Société de Sucrierie Brésiliennes' que compreendia seis usinas, com produção anual de cem mil sacas de açúcar e três milhões de litros de álcool. No entanto a partir da década de 1950, a concorrência do açúcar dos outros países latino-americanos privilegiados pelos EUA no mercado internacional, a dificuldade de manutenção das peças importadas, e de mão-de-obra especializada fizeram a produção decair em todos os engenhos centrais, obrigando a transformação em usinas. Os engenhos menores também ofereciam concorrência por serem mais numerosos e de mais fácil manejo. O processo de urbanização da Vila Rezende no decorrer do século XX também impossibilitou de certa forma o funcionamento do processo operacional. Em 1970 a usina foi vendida para a empresa 'Usinas Brasileiras de Açúcar, de propriedade de José Adolpho da Silva Gordo, tendo funcionado até 1974, data de sua desativação.

A construção central (Figura 04) foi originalmente o principal edifício do complexo e era coberta por um telhado metálico, uma espécie de cúpula com um lanternim em quatro águas, arrematado por um coruchéu. A entrada principal era marcada por uma portada de caráter neoclássico, com colunas, entablamento e um grande brasão, arrematando o conjunto. As janelas deste edifício eram, na maioria, gêmeas em arco abatido. Esse edifício foi demolido para ceder lugar na década de 1940 aos edifícios 'gêmeos' (7A e 7B) que serviam originalmente como fábrica e refinaria. Outro destaque para o conjunto primitivo do Engenho Central era o bloco industrial de armazém dividido em quatro empenas, com um óculo em cada 'frontão'. Algumas das construções que se compunham com as instalações industriais, eram remanescentes coloniais da antiga Fazenda São Pedro, como por exemplo, o único restante integral da fase inicial, a casa atualmente ocupada muitos anos pela Polícia Militar Florestal (Figura 03 - na esquerda).

A 'Société des Sucrieries Bresiliennes' foi com o tempo substituindo os antigos edifícios por outros, com o processo de desenvolvimento, conforme a necessidade a partir da década de 1920. O padrão de alvenaria aparente foi seguido sempre em todas as construções, algumas mais elaboradas que outras.

Muitos profissionais trabalharam em distintas construções no complexo fabril. Destacamos o dinamarquês Dr. Holger Jensen Kok<sup>3</sup> que dirigiu a empresa entre 1911 e 1920, responsável, entre outras obras, pelo muro de arrimo de alvenaria de pedra que percorre a extensão da área, que foi construído também sob a responsabilidade de Manoel Lourenço; os franceses Daniel Rinn, que construiu o edifício da destilaria (Edifício 6) em 1916 e o prédio dos escritórios em 1937 (Prédio 4); Jean Baulboud engenheiro químico, que substituiu o engenheiro Rinn na década de 1930, construiu o prédio da moenda (Edifício 5) e chaminés, tendo permanecido na ‘Usinas de Açúcar Brasileiras’ até 1955, quando ingressou na ‘Metalúrgica Dedini S.A.’; Marc Mourras, que projetou o portal de entrada e Maurice Allain, um dos administradores da ‘Société de Sucrierie Brèsilliennes, o qual era sócio da empresa desde 1899 e a presidiu entre 1907 e 1932. Há também o registro da participação do engenheiro Garcez de São Paulo, na construção de uma das chaminés, que também pode ter contribuído na construção de outras obras no local.

Da época do ‘Engenho Central’ não restou aparentemente mais nenhuma construção, apesar de algumas obras terem sido construídas aproveitando arcabouços existentes anteriormente, como no caso do Edifício 5 (Figura 05), antiga moenda. Este edifício foi ampliado ganhando nova fachada e provavelmente tenha sido projeto de Baulboud a ampliação, e não a construção original que já fazia parte do bloco original do complexo. A nova fachada de linhas clássicas e simétricas tem um frontão ornamentado que exibia originalmente um relógio. As envasaduras foram projetadas em vergas retas e em arcos abatidos e nesse caso os tijolos também foram utilizados para ornamentação. O atual estado de conservação do edifício, com um recorte na fachada prejudica a sua leitura.

---

<sup>3</sup> O Dr. Holger Jensen Kok<sup>3</sup> nasceu numa pequena cidade da Dinamarca em 26 de outubro de 1868. Formou-se engenheiro civil pela Escola Politécnica de Copenhague em 1893. Em 1895 foi contratado para montar uma indústria de açúcar em Pernambuco, tendo se especializado nesse ramo industrial e se consagrado como pioneiro da moderna indústria açucareira no Brasil. Em 1899 foi convidado para dirigir o Engenho Central de Piracicaba cuja função exerceu até 1927. Dotado de uma personalidade marcante e de grande atividade empreendedora, o Dr. Kok foi um dos pioneiros da navegação do rio Piracicaba, cujos vapores abasteceram de madeira a Serraria Aliança, no centro de Piracicaba. Foi também juiz de paz na Vila Rezende e participou intensamente de movimentos cívicos e políticos, apesar de não ser brasileiro. Além de suas atribuições profissionais no Engenho Central, construiu alguns imóveis como: o Grupo Escolar da Vila Rezende e o Externato São José, além de residências.



Figura 05: Edifício 5 - antiga Moenda, com a fachada original. (Pinto & Zenha, 1990).

Das construções promovidas pelos franceses cabe destaque também o prédio da antiga Destilaria (Edifício 6) e o edifício do Escritório (Prédio 4), atribuídos ao engenheiro Rinn, as quais revelam extrema habilidade construtiva. A data original de construção da destilaria é de 1916, conforme forjado na bandeira da entrada principal, porém o prédio foi ampliado em 1934, quando o corpo central ganhou mais dois blocos. Foi edificado com paredes de alvenaria aparente, estruturadas por vigas, pilares e peças intertravadas, todos metálicos. Inclusive, este sistema estrutural, que é modulado, possibilitou as ampliações de pavimentos, pois as peças estruturais puderam ser reproduzidas e encaixadas. O edifício reúne vários tipos de envasaduras, desde os vãos em arco pleno até janelas envidraçadas de guilhotina, sendo que todas as quatro fachadas diferem entre si, e curiosamente, a fachada principal tem menos visibilidade, por conta de sua implantação próxima e fronteira ao bloco dos pavilhões gêmeos, onde funcionavam a fábrica e a refinaria.

Já o prédio do Escritório foi construído seguindo um padrão muito próximo ao residencial, com arcabouço em alvenaria de pedra, janelas de guilhotina e venezianas e uma varanda cujos acessos se davam para o escritório do administrador e também para as demais salas de trabalho. O destaque deste edifício é para a ornamentação construída caprichosamente com tijolos, que além de decorativos são estruturais, utilizados nas pilastras, balaústres e vergas.

Da presença dos franceses ressalta o paisagismo aplicado entre a antiga residência do administrador (também construída em alvenaria aparente, com detalhes e ornamentação em tijolos), e o Escritório. Desde a residência, um espelho d'água cercado por um caramanchão, em frente ao prédio, faz ligação através de escadaria, com a área do escritório, cujo acesso para os dois se dá por uma escadaria em leque.

Outras edificações foram acrescentadas ou eliminadas conforme a necessidade, especialmente os armazéns que se situam após o antigo pátio ferroviário, à esquerda, no complexo. Os armazéns (edifícios 14, 14A, 14B e 14C), seguiram programas semelhantes modulados de acordo com o tamanho necessário.

Em 1989 o Parque do Engenho Central foi desapropriado e posteriormente Tombado em nível municipal. Antes de sua abertura à população, todo o maquinário foi retirado pelos antigos proprietários, ação esta que danificou parcialmente vários dos edifícios.

O Parque do Engenho Central é utilizado para fins culturais, festas beneficentes, feiras e exposições, além de sediar a Secretaria Municipal da Ação Cultural e o Salão Internacional de Humor. Entre os principais eventos estão a Festa das Nações, que ocorre no mês de maio, promovido pelo Fundo Social de Solidariedade, onde entidades beneficentes promovem restaurantes de pratos típicos de diversos países; o espetáculo da Paixão de Cristo na Semana Santa, sendo uma das maiores montagens do gênero no Brasil; o SIMTEC, Simpósio Internacional e Mostra de Tecnologia da Agroindústria Sucoalcooleira; além de shows com artistas de reconhecimento nacional e demais feiras e eventos. Um teatro municipal têm inauguração prevista para breve e o projeto de um museu com temática referente à agroindústria deve se iniciar em 2012 em parte de seu conjunto edificado.

A água encanada e a luz elétrica chegaram às casas piracicabanas ainda no século XIX. Carlos Zanotta, construtor italiano, com larga experiência em construção, aliado ao empresário João Frick, apadrinhado do Visconde de Mauá, introduziram tecnologias avançadas na cidade e proporcionaram uma situação de pioneirismo em relação às outras cidades brasileiras com a instalação da rede de água encanada. Antes disso, a população se servia de bicas. Os dois rios que abasteciam a cidade, o Piracicaba e o Itapeva, ficaram rapidamente poluídos, principalmente o segundo, que recebia as barricas de detritos das residências, todos os dias.

Em 1885, foram encaminhadas quatro propostas para o abastecimento de água encanada e instalação de luz elétrica. Os vencedores foram João Frick e Gregório Gonçalves, mas os vereadores resolveram deixar a iluminação pública para mais tarde. Em 1886, Frick trouxe da cidade de Pelotas, o construtor italiano Carlos Zanotta,

o qual tinha uma pequena participação na 'Frick & Company'. Em Piracicaba, a empresa adotou o nome fantasia de 'Empresa Hidráulica de Piracicaba', e os trabalhos foram iniciados em 23 de maio de 1886 com as obras de escavação para a construção dos reservatórios semienterrados, duas pequenas edificações para guarda entre as Ruas Silva Jardim, Cristiano Cleopath e Marechal Deodoro.

Zanotta trouxe da Itália o pedreiro e especialista em assentamento de pedras Carlos Adâmoli (1847-1817) o qual construiu com Zanotta o complexo do serviço de água ainda existente ao lado do Salto do Rio Piracicaba, onde atualmente se instalou o Museu da Água 'Francisco Salgot Castillon'. Construído em alvenaria aparente, com arcadas, e com parte do complexo enterrado embaixo da atual Avenida Beira Rio, ainda se encontra em funcionamento, fazendo parte do Museu.

O reservatório de água do complexo do abastecimento foi inaugurado por D. Pedro II, em 2/11/1886. Após a festa da inauguração surgiram os problemas, pois o contrato assinado não previa a filtragem e clarificação da água, o que levou o povo a batizá-lo como o 'contrato da água suja'. E alguns anos depois, a questão dos esgotos demonstrou que o volume do abastecimento era insuficiente, obrigando o município a concessões lesivas à firma concessionária para solucionar o problema sendo que os chafarizes ainda permaneciam necessários.

A 'Empresa Hidráulica de Piracicaba' deixou de existir com a saída de João Frick da sociedade, passando a se denominar 'Companhia de Melhoramentos Urbanos de Piracicaba', fundada em maio de 1900, pelos sócios Carlos Zanotta e Tito Ribeiro.

As instalações industriais construídas para o sistema de abastecimento de água encanada na beira do Salto de Piracicaba (Figura 06) seguiram o padrão em alvenaria aparente de tijolos semelhante às edificações do Engenho Central e da Santa Francisca, além do uso da alvenaria de pedras, devido à presença de basalto em toda a região. As aberturas foram executadas em arco pleno arrematadas com bandeiras de ferro forjado e a cobertura foi estruturada em abobadas de berço que sustentam uma laje. O destaque para o conjunto é a camarinha que dá acesso ao canal, que apresenta acabamento em bossagem, platibanda com cimalha e um portão de ferro forjado trabalhado artisticamente. Algumas instalações receberam acabamento variado, e devido a reformas posteriores, fica impossibilitada uma análise mais profunda. As antigas instalações da empresa sediam atualmente o Museu da Água, com ações educativas sobre a preservação dos recursos hídricos.

Quanto à iluminação pública, algumas ruas de Piracicaba eram iluminadas a querosene desde 1874. Com o término do contrato, a Câmara decidiu não renová-lo e

abrir concorrência para iluminação pública movida à eletricidade. Quatro propostas foram apresentadas em novembro de 1885 para a implantação do sistema. Em maio de 1890, a Intendência Municipal encarregou os vereadores Paulo Pinto e Dr. Paulo de Moraes a estudar o projeto de Luiz de Queiroz, contendo 48 cláusulas, e duração de 35 anos, cujo contrato foi assinado no mesmo ano.

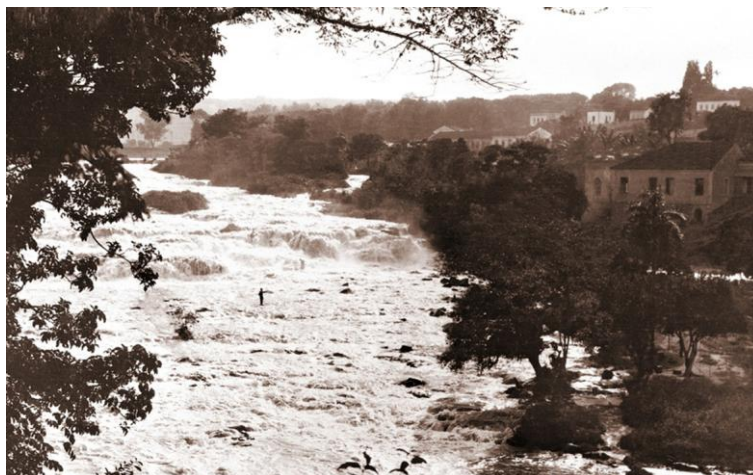


Figura 06: Empresa Hidráulica ao lado do salto de Piracicaba. Arquivo Câmara Municipal de Piracicaba

No ano seguinte, o eng. Arthur D. Sterry passou a ser procurador de Queiroz, junto à Intendência nos trabalhos de montagem, quando solicitou a concessão do terreno nas margens do Salto, entre a Fábrica de Tecidos Santa Francisca (Boyes) e a Empresa Hidráulica, para a montagem de uma estação central destinada à produção de eletricidade. Após a obtenção do terreno, em 13 de junho de 1891, foi assinado o contrato definitivo, o qual venceria em 6 de setembro de 1928. No início de 1892, o material para a instalação chegou ao Porto de Santos. Porém, em 30 de outubro do mesmo ano, o empresário pediu prorrogação dos prazos de entrega, pois o material importado ainda estava retido nas docas. Após a liberação, o eng. eletricitista americano Dr. T. Alvin Call, o qual havia sido trazido para montar o maquinário, pode finalizar a montagem da usina composta por duas turbinas com 250 cavalos de força e 3 dínamos, da Thompson & Houston. O maior era destinado à iluminação particular, com 1.200 ampères e os outros dois, à iluminação pública, desenvolvendo 770 ampères.

As primeiras experiências de iluminação pública elétrica na cidade foram realizadas em 2 de agosto de 1893, nos Largos da Matriz e do Teatro, e parcialmente nas Ruas Prudente de Moraes, São José, Alferes José Caetano, Moraes Barros, Gov. Pedro de Toledo, Benjamim Constant, 13 de Maio e Santo Antonio. Novas experiências se deram em 2 de setembro e no dia 4, do mesmo mês o serviço de iluminação elétrica já

funcionava regularmente, iniciando-se as instalações domiciliares. Em 6 de outubro de 1893 a iluminação pública elétrica foi oficialmente inaugurada, funcionando com apenas 120 lâmpadas de 32 velas, das 235 prometidas em contrato. O pioneirismo de Piracicaba na iluminação elétrica é tão significativo que a primeira central elétrica do mundo foi instalada em 1882, apenas 11 anos antes, em Nova Iorque, após a criação da lâmpada incandescente por Thomas Alva Edison em 1879. A Capital de São Paulo somente inaugurou seu sistema em 1899.

Após a morte de Luiz de Queiroz em 1898, sua viúva assumiu a empresa denominada 'Usina Termo-Elétrica L. de Queiroz', que por várias vezes foi multada pela Câmara, por desserviços prestados à população. De acordo com a vontade de Luiz de Queiroz, a empresa deveria passar à Municipalidade, provavelmente após o fim do contrato. No entanto, a Câmara abriu mão da doação permitindo a venda para a firma 'Ignarra, Penteado & Cia'. Às vésperas do término do contrato, a rede estava a cargo da 'Southern Brasil Electric', a qual também detinha o privilégio do serviço de bondes desde 1915.

A Usina, ainda existente, foi edificada em alvenaria aparente, vidraças de abrir e as telhas de capa e canal, com um anexo em madeira que se estruturava de forma semelhante ao esquema enxaimel (desaparecido). Neste pequeno edifício fabril aparece uma característica importante da alvenaria aparente em Piracicaba: a gama de cores variadas nos tijolos. Em propriedade particular, não permite acesso público.

No mesmo território ribeirinho onde se instalaram o Engenho Central e a Santa Francisca, consta também anterior a 1887 a existência de três fábricas de cerveja em Piracicaba, localizadas próximo ao Salto. Pertenciam a Jacob Wagner, Sachs & Filhos e Manoel Barbosa Gomes e os proprietários tinham acordo de preço único a 18\$000 por cem garrafas (Guerrini, 1970). Costa (1972) em artigo no JP intitulado 'Grita a Antiga' relacionou doze fabricantes de bebidas gasosas, alcoólicas ou não, relatando um protesto abaixo-assinado pelos proprietários que anunciava o fechamento de suas fábricas contra o aumento dos impostos sobre seus produtos em 1896. Os signatários eram Jacob Wagner, Antonio José de Andrade Pinto, Raffaello Aloissi e Irmão, Benedicto Faustino de Toledo, José Fernandes Barreira, André Sachs, Hermann Ravache, Nicolau Kleiner, Manoel Jorge Veríssimo, Adrian e Lutjens, Henrique Cartagenova, José Miguel de Andrade e A. J. de Andrade Pinto. O autor destaca que dos doze fabricantes seis eram de procedência alemã, dois eram italianos e os demais brasileiros de origem portuguesa. Costa (1972) comenta que a paralização não deve ter sido duradoura, uma vez que os estabelecimentos reabriram e muitos destes



funcionaram por muitos anos, *“pois muita gente, depois deste acontecido, bebeu cerveja do Wagner, bebeu cerveja do Sachs e (...) muita Cotubaína, muita Abacatina, muita Maçã, muita Gengibirra e muita Gasosa fabricadas pelos herdeiros ou sucessores de José Miguel de Andrade”* (Costa, 1972).

Outras indústrias de destaque, no passado, foram a Usina Monte Alegre, afastada do Centro, mas próxima ao Rio Piracicaba; a Empresa Mecânica e Construtora Teixeira Mendes & Cia. que trabalhava com peças de madeira e metal na fabricação de máquinas agrícolas; além da refinadora de açúcar e a beneficiadora de arroz de Terenzio Galesi; a Refinadora de Açúcar Pentagna, Nogueira & Cia (junto ao conjunto ferroviário da E.F. Sorocabana no Centro) e das Indústrias Dedini na Vila Rezende. Na maioria, as empresas citadas deixaram de operar em seus edifícios originais, fato que coloca em risco a permanência dos conjuntos fabris na paisagem urbana de Piracicaba.

#### **Metodologia:**

Pesquisa histórica sobre as indústrias pioneiras instaladas em Piracicaba no final do século XIX às margens do Rio Piracicaba e córrego Itapeva, no centro da cidade;

Pesquisa iconográfica sobre os objetos de estudo para identificar características arquitetônicas;

Análise arquitetônica dos remanescentes industriais para compreender como foram edificados seguindo as correntes estilísticas da época.

#### **Resultados:**

Uma das cidades com maior território em São Paulo no século XIX, Piracicaba teve importantes ciclos econômicos representados pela agricultura policultura, agroindústria e indústria diversificada, apesar das queixas de isolamento pela ausência ou precariedade de linhas férreas.

Profissionais com formação europeia e de destaque estadual e nacional contribuíram para a instalação dos complexos fabris e de infraestrutura urbana legando importantes sistemas construtivos e industriais para o patrimônio cultural de Piracicaba.

O caráter pioneiro de Piracicaba na industrialização paulista nos setores metalúrgico, agroindustrial, têxtil, alimentícia e de abastecimento, cuja relevância é pouco divulgada, resultou em um desenvolvimento que também se aliou ao ensino especializado, representado pela ESALQ USP.

Até a década de 1960, Piracicaba ainda era um dos mais notórios polos industriais do país e depois a produção decaiu, tendo sido recuperada na década seguinte com a instalação de multinacionais, e após novo período de baixa, vive seu terceiro ciclo industrial, com a implantação de novas multinacionais de grande porte.

O conjunto fabril edificado às margens do Rio Piracicaba configura uma das mais importantes paisagens culturais de Piracicaba, no entanto sua utilização e preservação precisam de melhores definições. Se por um lado o Poder Público tem procurado investir nos remanescentes do antigo Engenho Central e Empresa Hidráulica com projetos de caráter cultural, ainda falta uma definição de políticas de preservação que garantam a preservação de conjuntos edificados como o da antiga Fábrica de Tecidos que, sendo de propriedade particular corre sérios riscos de descaracterização. O atual período de valorização da economia industrial na cidade tem produzido sensíveis alterações na paisagem edificada de Piracicaba, principalmente nos bairros centrais, onde a especulação imobiliária tem alcançado grande êxito frente às iniciativas preservacionistas.

#### **Bibliografia:**

BURCHARD, John & BUSH-BROWN, Albert. *A Arquitetura dos Estados Unidos - Uma História Social e Cultural*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

CACHIONI, Marcelo. *Arquitetura Eclética na Cidade de Piracicaba*. Dissertação de Mestrado. Campinas: PPG FAU PUC Campinas, 2002.

COSTA, Luiz Augusto Maia. *O Ideário Urbano Paulista na Virada do Século. O Engenheiro Theodoro Sampaio e as Questões Territoriais e Urbanas Modernas (1886-1903)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: USP, 2001.

ELIAS NETTO, Cecílio. *Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX*. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.

GAZZOLA, Cristiane G. Testemunha da História. In: *Revista Campo e Cidade*. Itu: Agosto/Setembro, 2004.

GUERRINI, Leandro. *História de Piracicaba em Quadrinhos*. 2 volumes. Piracicaba: IHGP, 1970.

\_\_\_\_\_. Arthur Drysdem Sterry. Nomes que a Cidade guardou. In: *Jornal de Piracicaba*. Piracicaba: 20 de janeiro de 1985.

KIEHL, Edmar José. Vida e Obra de Luiz de Queiroz. In: *ESALQ 75. 1901 - 1976: 75 anos a serviço da Pátria*. Piracicaba: Editora Franciscana, 1976.

PINTO, Silvio Barini & ZENHA, Celeste. *Imagens da Memória Postal de Piracicaba* (Catálogo). Piracicaba: 1990.

ROTELLINI, Vitaliano (Editor). *Il Brasile e gli Italiani*. (Pubblicazione del Fanfulla). Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1906. p. 507.